



Quinta do Outeiro

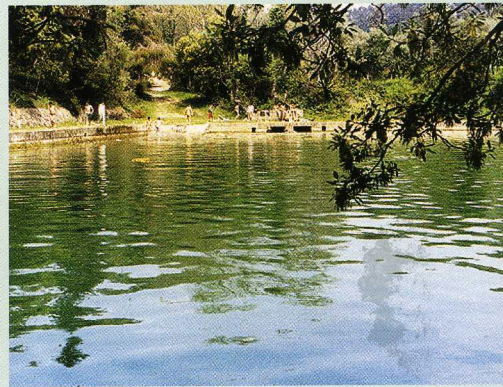
### A QUINTA DO OUTEIRO, OU DE NOSSA SENHORA DOS PRAZERES...

**E**m 1764 era designada por Quinta do Capitão do Outeiro, mas desde 1703 pelo menos, que era conhecida por *Quinta do Marquês ou do Cuncolin*. A Senhora dos Prazeres, que se venerava na Capela, acabou com a variação toponímica e deu-lhe também o seu nome próprio. Quanto à designação de Cuncolin e do Marquês, talvez lhe advenha da possibilidade da quinta ter pertencido aos marqueses de Fronteira que entre muitos títulos, também tinham aquele e que em Benfica tinham o seu famoso palácio, aliás, perto daqui. Ao que consta, a Quinta foi sempre mais conhecida pelos caseiros e outros servidores que aí habitavam. Em 1764, vivia ali o *Padre Manuel de Carvalho* que era capelão da capela de Nossa senhora dos Prazeres e "olheiro" das coisas da Quinta. Sucedeu-lhe em 1769, um caixeiro italiano, *Hieronimo André* de seu nome. Na capela, havia festa grande na segunda feira depois do Domingo da Pascoela. Armava-se grande arraial e o povo gostava de vir ali à Quinta do Outeiro, a divertir-se. A casa parece ter tido só um rés-do-chão no seu início

por volta de 1720, ano em que foi construída a Capela. Os lambris azuis e brancos dos azulejos são dessa época, ou talvez um pouco mais tardios a avaliar por alguns motivos alegóricos, como os cestos floridos em alguns painéis. Em 1751, o conjunto foi remodelado e a parte mais antiga do rés-do-chão, foi alargada por meio de uma galeria a que se acedia por um pórtico. Foi-lhe também acrescentado um andar de cima a que se ascendia por uma escada rústica. A Capela ficou na extremidade da fachada, demarcada espacialmente por duas pilastras realçadas a ocre e por uma cornija com as iniciais da Virgem Maria. A janela que dá luz à tribuna da capela, faz corrente com outras doze que servem a zona residencial e com as suas gémeas do rés-do-chão, o que faz realçar esta última parte do conjunto.

No interior, a casa foi esplêndidamente decorada a azulejos produzidos entre 1760 e 1770. No piso de cima, os azulejos estão dispostos em "trompe-l'oeil", marcando espaços arquitectónicos e pictóricos, delimitados por redes de flores e por pilastras estilizadas. Aqui e ali, as composições historiadas com cenas campestres em tons de azul e branco, aparecem rodeadas de ornamentação "rocaille" polícroma, como no salão dito

*Quinta do Outeiro – pormenor do portal principal.  
Ao lado: Casal da Fonte Santa – antigo lago que acabou por ceder lugar a uma portagem da CREL*



nobre. Notáveis são as alegorias representativas das *Estações do Ano e dos Cinco Sentidos*, todas acompanhadas por uma decoração "*rocaille*" e em "*tromp-l'oeil*" em que os artistas disfrutaram alegremente, ao pintar de forma livre e quase sensual, tudo quanto era superfície receptora.

A casa, aparentemente só no Verão tinha uma ocupação total. Até ao princípio do séc. XX pelo menos, as gentes "*saloiás*" da vizinhança procuravam a Quinta não só para os necessários "*milagres*", bem agradecidos nos "*ex-votos*" na capela, como principalmente pelas virtudes da água da fonte que está ao lado da casa, coberta com uma abóbada rústica e singela, já que, quem dela se servia era o povo e poucas posses teria para mais construir. Em 1811, aparece como proprietário, um tal *Francisco José Maria Brito*. Seguiu-lhe por aquisição um antepassado da família *Cannas da Silva*. A casa foi inteiramente restaurada, em 1950, com rigores de quem sabia respeitá-la.